

As interconexões da comunicação e cultura com a saúde pública

Renato Dias Baptista doutorando em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestre em Comunicação (UNESP), Especialista em Gestão Pública (UNESP), Psicólogo e Professor da Universidade Paulista. Bolsista CAPES
E-mail: renatodiasbaptista@terra.com.br

Ida Maria Foschiani Dias Baptista, doutora em Biologia Molecular pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ-RJ), Mestre em Doenças Tropicais (UNESP). Pesquisadora do Instituto Lauro de Souza Lima - SP
E-mail: ifoschiani@gmail.com

Resumo

A comunicação e a cultura estão inter-relacionadas aos sistemas de participação e cidadania e constituem um papel de integração e de incentivo a promoção da saúde. Nessa perspectiva, um dos entraves está direcionado para a função da tecnologia e pesquisa; ambas correm o risco de desagregação da sociedade quando os gestores não garantem a transição e implementação do conhecimento e a efetiva promoção da saúde coletiva.

A gestão da saúde não pode ser um procedimento puramente tecnicista, ela deve agregar a multiplicidade de saberes, engendrar informações e garantir a transformação em comunicações efetivas em co-dependência com as características culturais. Regiões, cidades, bairros e vilarejos possuem concepções distintas em relação a elementos como as linguagens, imagens, tabus e símbolos que podem interferir na assimilação dos projetos que estejam desconectados dessas peculiaridades.

Introdução

Não poderemos fazer abstração da dimensão política se quisermos compreender nosso mundo e nosso tempo, se quisermos agir sobre nossos destinos.

Edgar Morin, Para sair do século XX.

A gestão da saúde pública ocupa um espaço fundamental num cenário em que os impactos da globalização manifestam reflexos em todos os segmentos. Nunes et al (1999) ressaltam que a saúde sobressai pela sua acentuada politização e o destaque ao conjunto de inspiração neoliberal, parametrado pelos ideais de mercado livre e Estado mínimo.

Na concepção de Nogueira (1998), as mazelas do Estado e o *apartheid* social mostram que as propostas reformuladoras minimalistas não dispõem de fôlego nem de envergadura para alterar a situação.

Para Landes (1998), este mundo está dividido, grosso modo, em três espécies de nações: aquelas em que as pessoas gastam rios de dinheiro para ganhar peso, aqueles em que as pessoas comem para viver e aquelas cuja população não sabe de onde virá a próxima refeição. Pitta e Magajewski (2000), reforçam essa tese ao afirmarem que, no caso brasileiro, há insuficiência de sistemas de proteção social e de saúde além de condições de pobreza e indigência em grande parte da população.

As limitações são extensas diante dos muitos aspectos; há problemas de pessoal, financeiros, suporte técnico, políticas públicas de pouca perspicácia, entre outros. *O Brasil apresenta enormes disparidades que o fazem enquadrar-se claramente no lastro de modelos de desenvolvimento que vão do primeiro ao quarto mundos* (TRIVINHO, 2001, p. 98).

Dante dessa complexidade não temos a pretensão de resolver os problemas na gestão de saúde *apenas* pela comunicação, distante de panacéias, abordaremos a comunicação como um dos aspectos para implementação de estratégias de promoção da saúde pública.

Nos diferentes aspectos dessa complexa rede, é necessário *destacar* as amplitudes da comunicação em saúde; ela está inserida nos recursos humanos que compõem o setor de saúde publica, dentro das equipes e destas com os usuários. Possui inter-relação com as tecnologias informacionais (TI) e seus métodos de gestão e, conforme Teixeira (2006), destacam-se na informação e atuam nas decisões de indivíduos e de comunidades no sentido de promoção da saúde.

O escopo deste artigo está em destacar que a comunicação e a cultura são integradoras das estratégias de gestão, mais especificamente, neste momento, na promoção da saúde pública. Há um necessário acatamento das culturas e suas dinâmicas internas que devem ser decodificadas mediante processos comunicacionais.

Vivemos numa grande rede de múltiplas influenciações, o que faremos, portanto, será o entrelaçamento de um desses fios.

Cultura: a observação da realidade

O estudo da cultura pode fornecer informações essenciais para compreensão das estratégias de promoção da saúde pública. Há muitos elementos que conduzem a compreensão dessa formação e que, conforme Geertz (1989) torna-se necessário inicialmente, procurar essa complexidade e ordená-la.

Hofstede (2003) associa as questões tecnológicas e a globalização, trata dos fenômenos como o choque cultural, o etnocentrismo, os estereótipos e as diferenças de

linguagem e discute a comunicação intercultural. Na opinião do autor, cultura é a palavra que engloba todos aqueles padrões de pensamento, sentimentos e comportamentos; incluem-se não apenas as atividades consagradas a refinar a mente, mas também todas as atividades simples da vida: cumprimentar, comer, mostrar ou esconder emoções e manter uma certa distância física dos outros.

Há quatro termos fundamentais sobre o conceito de cultura: símbolos, heróis, rituais e valores. Ele destaca que os símbolos são palavras, gestos, figuras ou objetos que transportam um significado particular que é apenas reconhecido pelos que partilham a cultura. Os heróis são pessoas, vivas ou falecidas, reais ou imaginárias, que possuem características altamente valorizadas numa determinada cultura e que por isso servem de modelo de comportamento. Os rituais são atividades coletivas consideradas essenciais: são realizadas para o seu próprio bem; formas de cumprimentar ou transmitir respeito aos outros, cerimônias sociais ou religiosas constituem alguns exemplos (HOFSTEDE, 2003).

Em consonância, Deal e Kennedy (1992) afirmam que as cerimônias ajudam a celebrar os heróis, mitos e a sagrar os símbolos. Como padrões de comportamento, os rituais tornam as concepções como verdadeiras.

Essa idéia é complementada por Adler (2002) ao afirmar que os indivíduos expressam a cultura e suas qualidades normativas através dos valores que elas sustentam sobre a vida e o mundo ao seu redor. Esses valores influem em suas atitudes acerca de um comportamento considerado mais apropriado e eficaz em qualquer situação.

Geertz (1989), manifesta-se no sentido de que:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p. 15).

Valendo-se dos estudos de Hofstede (2003), Adler (2002), Deal e Kennedy (1992), Geertz (1989) e Schein (1982), entende-se que a dinâmica da cultura abarca formas de perpetuação dos pressupostos que são transmitidos aos membros do grupo e para gerações seguintes através da comunicação.

Nesse aspecto, concordamos com Cuche (2002) que nenhuma cultura existe em “estado puro”, sem ter jamais sofrido a mínima influência externa; para o autor cada cultura sofre em situação de contato cultural, um processo de desestruturação e depois de reestruturação, é em realidade o próprio princípio da evolução de qualquer sistema cultural. Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução.

A análise científica da cultura, contudo, pode apontar para outro sistema de realidades que também se adapta às leis gerais, e pode assim ser usada como um guia para trabalho-de-campo, como um meio de identificação de realidades culturais e como uma base de

engenharia social. A análise apenas esboçada, na qual tentamos definir a relação entre uma realização cultural e uma necessidade humana básica ou derivada pode ser denominada funcional. Pois função não pode ser definida de nenhuma outra maneira senão como a satisfação de uma necessidade por uma atividade na qual os seres humanos cooperam, usam artefatos e consomem mercadorias (MALINOWSKI, 1962, P. 45).

A comunicação vincula pessoas e cultura; e é através dela que um elemento externo poderá ser inserido e então, modificá-la. Como afirma Bastide (1979, p. 52), “*o planejamento só pode ter sucesso se puder contar com a colaboração e a cooperação dos indivíduos do grupo receptor*”.

Os Códigos comunicacionais

Para Mattelart (2005) vivemos numa sociedade-organismo cada vez mais coerente e integrada, onde as partes cada vez mais interdependentes. Nesse sistema total, a comunicação é componente básico. A comunicação em saúde, como uma dessas facetas, inclui a promoção e educação, prevenção de doenças, relações entre técnicos e usuários, construção de mensagens sobre saúde no âmbito da comunicação social na internet e outras tecnologias digitais, na formação de técnicos e na qualidade do atendimento (TEIXEIRA, 2006). Em cada uma dessas atividades existe um código que deve ser decifrado e gerenciado.

Em nosso escopo, ressaltamos a importância de um acatamento das realidades locais; não se deve mudar uma cultura através de mecanismos autoritários, pois o êxito e a manutenção de pequenos avanços tornar-se-ão intrincados (Baptista, 2006).

Bastide (1979:41) apropriadamente afirma que, “*Quanto mais afastadas a forma de um traço cultural estiver das formas dos traços culturais da civilização receptora, mais difícil será sua aceitação*”. A concepção de Bastide (1979) apresenta consonância com a nossa proposta de leitura da realidade para elaboração da mudança. *Os códigos devem ser respeitados para serem modificados* (BAPTISTA, 2006).

Convém destacar que, segundo Adler (2002) cada um de nós possui atitudes e crenças que filtram o que vemos. Nesse aspecto, na concepção de que a leitura da realidade é uma estratégia de mudança, podemos afirmar que a ausência dela pode gerar resistências e o aumento de barreiras para ao que é novo.

Grandes idéias ou projetos não possuem vida própria, é preciso que eles estejam conectados com a realidade.

Conforme Adler (2002) a comunicação envolve a troca de pensamentos: incluem todo comportamento que outra pessoa percebe e interpreta. As interpretações organizam nossa

experiência e baseados nela, fazemos suposições sobre o que percebemos. Existe uma tendência em não redescobrir significados cada vez que encontramos uma situação similar.

Fundamentados nos conceitos de Adler (2002) ressaltamos que erros em projetos passados tendem em apresentar maiores resistências quando inseridos no mesmo grupo que rejeitou ou onde existiram falhas. Como afirma Morin (1986), somos capazes de resistir às informações que não adaptam à nossa ideologia, percebendo essas informações não como informações, mas como trapaças ou mentiras.

Um folheto, por exemplo, elaborado para uma determinada campanha para a promoção da saúde pode ser entregue numa comunidade distante dos grandes centros, numa tribo indígena, em zonas rurais, em regiões isoladas; em cada local poderá ocorrer forma distinta de recepção das informações. Conforme Sahlins, (2003, p. 31), “*a mudança começa com a cultura, não a cultura com a mudança*”.

Cada espaço tem suas peculiaridades e não são esses espaços que devem se adaptar, mas os sistemas de gestão da saúde.

Considerações finais

Não basta informar, é necessário incorporar valores locais, ser aceito e educar. As pesquisas científicas no interior dos laboratórios pode se desagregar da sociedade se não estiverem integradas como um sistema administrativo e de promoção; as partes não são autocinéticas.

Embora a comunicação não seja o único elemento a ser destacado para as melhorias da saúde pública e sua promoção, ela sempre ocupará um papel de destaque em todas as atividades humanas. Ela não cura, mas proporciona a implementação dos procedimentos que em algum momento estavam nas pranchetas, nos gabinetes ou nos laboratórios de pesquisa. Como afirma Landes (1998), a própria expectativa de vida nos dias de hoje se deve às conquistas na área preventiva e à **disseminação** dos hábitos de higiene. (grifo nosso).

A comunicação não é apenas integradora, mas seu uso estratégico permite deslocar as barreiras entre as pesquisas, os gabinetes de gestão e a efetiva promoção da saúde pública.

Bibliografia

ADLER, J. A. **International dimensions of organizational behavior**. Toronto: South-Western, 2002.

BAPTISTA, R. D **O processo de comunicação e clima organizacional na entrada de novas tecnologias.** 1997, 157f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1997.

Trabalho e transitoriedade tecnológica: as compressões da mudança num contexto de globalização. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/encontrosde> psicologia. Acesso em: 30 de ago. 2006.

Será que a estagnação é um mecanismo de absorção e de recomposição da subjetividade? Disponível em: <http://netart.incubadora.fapesp.br/portal/Members/rdbap>. Acesso em: 31 de ago. 2006.

BASTIDE, R. **Antropologia aplicada.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru, São Paulo: Edusc, 2002.

DEAL, T. E; KENNEDY, A. **Corporate cultures, the rites and rituals of corporate life.** New York: Addison Wesley, 1992.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOFSTEDE, G. **Cultures and organizations:** software for the mind. New York: McGraw-Hill, 2004.

LANDES, D.S. **A riqueza e a pobreza das nações:** por que algumas são tão ricas e outras tão pobres. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

MALINOWSKI, B. **Uma teoria científica da cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **A invenção da comunicação.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

MORIN, E. **Para sair do século XX.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NOGUEIRA, M. A. **As possibilidades da política:** idéias para a reforma democrática do Estado. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

NUNES, E. et al. **A saúde como direito e como serviço.** São Paulo: Cortez, 1999.

PITTA, A. M. R. da e MAGAJEWSKI, F. R. L. Políticas nacionais de comunicação em tempos de convergência tecnológica: uma aproximação ao caso da saúde. Disponível em: <http://www.interface.org.br/revista7/ensaio4.pdf>, 2000.

TEIXEIRA , J. A. C. Comunicação em saúde. Lisboa Disponível em:
<http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870>. Acesso: 05 set 2006.

SAHLINS, M. D. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar E., 2003.

SCHEIN, E. Three Cultures of Management: The Key to Organizational Learning in the 21st Century. Disponível em: <http://www.solonline.org/res/wp>. Acesso em: 06 abr. 2005.

TRIVINHO, E. **O mal-estar da teoria**: a condição crítica na sociedade tecnológica atual. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.